ENQUADRAMENTOS E COBERTURA DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO ACERCA DAS MIDIATIZADAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE JUNHO DE 2013: CRISE JORNALÍSTICA E O PAPEL DAS PESQUISAS DATAFOLHA

FRAME ANALYSIS AND COVERAGE OF THE NEWSPAPER FOLHA DE SÃO PAULO ABOUT THE MEDIATIZED SOCIAL MANIFESTATIONS OF JUNE 2013: JOURNALISTIC CRISIS AND THE ROLE OF DATAFOLHA RESEARCHES

Ivan Daniel Müller[1]
Gustavo Roese Sanfelice[2]

Resumo: A partir de uma análise semioantropológica da teoria da midiatização (Verón, 2014) torna-se possível entender porque atualmente vivenciamos um momento único, que delineia o que diversos autores cunharam como sendo uma Sociedade Midiatizada (Verón, 1997, 2014; Sodré, 2006; Gómes, 2006). É partindo dessa premissa que o presente artigo evidencia um estudo de caso acerca da cobertura do Jornal Folha de São Paulo a respeito das Midiatizadas Manifesta-

ções Sociais de Junho de 2013 e, a partir de tal análise, denota uma crise jornalística experimentada pela Folha à época e o papel das pesquisas DataFolha na reinserção de uma "legitimidade discursiva" por hora rompida pela crise. A análise procedimental deu-se sob a ótica de enquadramentos (*frames*) de Goffman, de onde analisou-se distintos fragmentos de registros veiculados na Folha de São Paulo dos dias 07 de junho de 2013 ao dia 02 de julho de 2013 que faziam referência às Midiatizadas Manifestações Sociais de Junho de 2013.

Palavras-chave: Manifestações Sociais. Midiatização. Mídia Impressa.

Abstract: From a semioantropological analysis of the theory of mediatization (Verón, 2014) it is possible to understand why today we experience a unique moment, which outlines what various authors called as a mediatization of society (Verón 1997, 2014; Sodré 2006; Gomes, 2006). It is from this premise that this article presents a case study on the coverage of the newspaper Folha de São Paulo about the mediatized Social Manifestations of June 2013 and, from this analysis, denotes a journalistic crisis experienced by the sheet at the time and the role of DataFolha researches in reinsertion of a "discursive legitimacy" per hour disrupted by the crisis. The procedural analysis took place in the frame analysis of Goffman, where we analyzed different fragments conveyed records in the Folha de São Paulo of the days June 7, 2013 until the day 2 July 2013 which referred to mediatized Social Manifestations of June 2013

Keywords: Social Manifestations. Mediatization. Newspaper.

1 Introdução

Embora passados cerca de três anos da ocorrência das Manifestações de Junho de 2013, elas ainda povoam o imaginário social de distintas formas e, não por menos, suscitam diversos pesquisadores a buscarem compreender o que de fato ocorreu no país naquele insólito junho. De súbito, após protestos iniciais do Movimento Passe Livre (MPL) con-

tra o aumento no preço do transporte coletivo na Cidade de São Paulo, mais de um milhão de pessoas nas ruas de distintas cidades do país (Rolnik, 2013) conclamando inúmeras demandas.

Para fugir a uma análise simplista, cabe destacar que tais Manifestações tiveram, para além de sua importância histórica, peculiaridades. Perruso (2014) procura destacar três: A horizontalidade e descentralidade ativista das manifestações; a ação direta e por vezes espontânea dos ativistas, sobretudo em relação a alvos símbolos do capitalismo; e, por fim, a participação de um público jovem, caracterizado como uma nova geração militante que parece não compartilhar das mesmas concepções políticas e ideológicas de outrora. São essas, inclusive, destacando também uma possível importância histórica das Manifestações de Junho de 2013, características que poderão ser "decisivas para a compreensão de possíveis mudanças em curso nas lutas sociais e políticas nacionais" (Perruso, 2014, p.2).

Para além das três características peculiares trazidas por Perruso (2014), arriscamos a apontar uma quarta característica, central por sua vez, que é destacada a partir da importância que as redes sociais desempenharam nas Manifestações de Junho de 2013, sobretudo devido à centralidade do papel midiático na sociedade atual e dos fluxos diferenciados que compõem o processo de midiatização dessa sociedade (Verón, 1997); tal importância denotada pelas redes sociais caracteriza as Manifestações de Junho de 2013 como sendo a primeira Manifestação em massa midiatizada no país.

Para melhor compreendermos a proposição é necessário que se entenda como a midiatização se desencadeia ao longo de um processo histórico, urgindo desde o surgimento da humanidade até os dias atuais e de como, ainda, a sociedade atual é percebida e nomeada dentro desse processo como sendo midiatizada. Partindo dessas concepções o presente artigo objetiva mostrar e analisar a crise jornalística experimentada pelo Jornal Folha de São Paulo em junho de 2013. Procedimentalmente, sob a ótica de enquadramentos (*frames*) de Goffman (1986, 2004) analisou-se a cobertura

jornalística da Folha frente as Manifestações de Junho de 2013 e extraiu-se as proposições e indagações referidas no presente artigo.

É só a condição de Manifestação em massa midiatizada atribuída às Manifestações de Junho de 2013 que permite a compreensão mais ampla da crise jornalística experimentada pela Folha de São Paulo à época, isso porque há a centralidade do papel midiático e a busca constante da significação e ressignificação através das redes sociais, as quais compõem os fluxos diferenciados que caracterizam o processo de midiatização dessa sociedade (Verón, 1997) a qual tenciona a partir de si mesma e das novas ferramentas tecnológicas, disputas de poder em distintos campos sociais, as quais englobam as próprias crises jornalísticas experimentadas.

2 Um processo semioantropológico da midiatização e a contemporânea sociedade midiatizada

Eliseo Verón, precursor nos estudos acerca do tema midiatização, em seu artigo intitulado *Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências* (Verón, 2014), traz sob enfoque mais completo e complexo definições acerca dos significados e das referências ao que o termo e a teoria da midiatização pressupõem.

Para o sociólogo argentino, a midiatização é um processo constitutivo da própria modernidade, mas que se desenvolve desde o surgimento da humanidade enquanto exteriorização dos processos mentais. Conforme Verón (2014), as possibilidades de alteração das condições sócio-culturais do homem derivam de sua condição biológica e da sua capacidade de produzir fenômenos midiáticos, logo, seguindo esta lógica, a midiatização não é um processo universal que caracteriza toda a humanidade, mas, sim, um resultado operacional da capacidade de semiose da humanidade.

Nesse sentido, fenômenos midiáticos são compreendidos por Verón (2014) como sendo a exteriorização dos pro-

cessos mentais na forma de dispositivos materiais, sendo que através dos fenômenos midiáticos é que se expressam as capacidades semióticas de nossa espécie, por isso, todas as sociedades humanas produzem tais fenômenos. O autor aponta ainda para o fato de que o primeiro estágio da semiose humana deva ter sido, acerca de dois milhões e meio de anos atrás, a produção sistêmica de ferramentas de pedra.

> O ponto central aqui é que o fenômeno midiático da exteriorização dos processos mentais tem uma consequência tripla. Em termos peircianos, mais uma vez, sua primeiridade consiste na autonomia dos emissores e receptores dos signos materializados, como resultado da exteriorização; sua secundidade é a subsequente persistência no tempo dos signos materializados: alterações de escalas de espaço e tempo se tornam inevitáveis, e a narrativa justificada; sua terceiridade é o corpo das normas sociais definindo as formas de acesso aos signos já autônomos e persistentes. Em outras palavras: criação tríplice de diferenças. As condições estão, portanto, dadas para a história da midiatização começar (Verón, 2014, p.15).

Conforme refere Verón (2014), está iniciado o processo daquilo que conhecemos como sendo a midiatização, que passa a ser somente "o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências" (Verón, 2014, p.15).

Dentro dessa perspectiva antropológica proposta por Verón, momentos cruciais da midiatização, nos quais também se dispõe o momento atual com a recente criação da internet, podem através de fenômenos midiáticos oferecerem rupturas entre espaço e tempo, gerando acelerações do tempo histórico (Verón, 2014). Não se trata de um determinismo tecnológico, mas sim, da apropriação pela comunidade de um dispositivo tecnológico que se torna institucionalizada em um lugar e tempo particular.

Verón (2014) aponta que, nos últimos dez anos, a internet alterou a condição de acesso ao conhecimento científico mais do que essa condição mudou durante três séculos, desde o surto moderno de instituições científicas. É fundado em tais aspectos que diferentes autores (Verón, 1997, 2014; Sodré, 2006; Gómes, 2006) cunharam o termo "sociedade midiatizada", buscando nomear a contemporaneidade temporal, sobremaneira porque essa sociedade de hoje se diferencia evidenciando uma interdependência dos demais campos sociais em relação ao campo dos media, fato nunca antes vivenciado (Verón, 1997).

3 Metodologia de análise

Analisar a cobertura do Jornal Folha de São Paulo acerca das Manifestações Sociais de Junho de 2013, sob a ótica de análise de enquadramentos (*frames*) de Goffman (1986, 2004) foi a proposta metodológica procedimental utilizada, de onde se extraíram os dados empíricos aqui expostos e, posteriormente as indagações e proposições sugeridas, especialmente com referência à crise jornalística experimentada pelo Jornal Folha de São Paulo em junho de 2013.

Essa análise procedimental da cobertura engloba, conforme Carvalho (2000), três principais formas de análise dos enquadramentos (*frames*). A primeira (macro), conforme a autora, enfatiza a percepção e a visualização dos enquadramentos (*frames*) a partir de padrões que irão organizar nossa cognição, estando ligada aos Mapas Culturais de Significados de Stuart Hall (Hall *et al*, 1993; Hall, 2006); já na segunda, os enquadramentos (*frames*) estariam ligados à estruturação do discurso (micro), que vai ao encontro, segundo a própria autora, da definição de Entman (1993) sobre enquadramento, visto que para o mesmo, enquadramento significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes no texto comunicativo. A terceira acepção de análise tem sido entendida como um "nível superior" de construções culturais (Carvalho, 2000). Enquadramentos (*frames*) são, neste sentido, as formas comuns de compreen-

der o mundo, sendo equiparados a "representações sociais". Moscovici (1984 apud Carvalho, 2000) aponta que essas representações sociais são específicas de cada cultura, convencionalizadas em cada sociedade e em sintonia com os seus valores, e estão a ser um dito prescritivo, pois se impõem sobre nós com uma força irresistível.

O *corpus* desta pesquisa compreende as edições do jornal Folha de São Paulo de 07 de Junho de 2013 a 02 de Julho de 2013, período que englobou as Manifestações de Junho de 2013 no país.

Foram analisados de forma procedimental, capa, fotos, legendas, abertura (títulos), editorial e reportagens (fragmentos de registro) veiculados nestes dias no jornal Folha de São Paulo, que faziam referências às Manifestações Sociais de Junho de 2013 de forma geral. Trata-se de uma seleção baseada no procedimento indutivo, que traz à tona aspectos de diferentes campos sociais e, portanto, sujeita a índices não previstos. Logo, o intuito foi buscar, nos respectivos exemplares, todos os elementos necessários para a análise da cobertura acerca das Manifestações Sociais ocorridas em Junho de 2013. A partir dessa análise procedimental dirigida pelos enquadramentos (*frames*) de Goffman (1986, 2004) identificou-se três fases distintas de enquadramentos do Jornal, referidas como: "Os vândalos da Folha de São Paulo!?", "A violência e o abuso policial em destaque" e "Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político".

4 As três fases distintas de enquadramentos

4.1 "Os vândalos da Folha de São Paulo!?"

A primeira fase de enquadramentos intitulada: "Os vândalos da Folha de São Paulo!?", se estendeu do dia 07 ao dia 13 de junho de 2013, semana que cobriu os momentos iniciais das Manifestações de Junho de 2013; aqui, os *frames* da Folha foram massivamente depreciativos em relação às manifestações e manifestantes. O Movimento Passe Livre (MPL) que liderou os primeiros protestos na Cidade de São

Paulo foi maculado, manifestantes classificados deliberadamente como vândalos e as manifestações deslegitimadas. Notadamente a Folha promoveu uma definição particular da realidade, possibilidade derivada dos enquadramentos, pois havia, segundo o Jornal, um lado ruim da história, e esse lado sem dúvida era o dos manifestantes.



Figura 1: Exemplos dos enquadramentos “Os Vândalos da Folha de São Paulo!?”
Fonte: Folha de São Paulo - 12 de junho de 2013.

4.2 “A violência e o abuso policial em destaque”

A segunda fase por sua vez recebeu o título de: “A violência policial em destaque”, sendo que tais enquadramentos estiveram presentes na edição do dia 14 de junho, onde a Folha passou deliberadamente a enxergar o outro lado da história. Após uma ação desmedida da polícia militar paulista e da tropa de choque, o Jornal mudou seus enquadramentos bruscamente. Cabe lembrar que a PM e a tropa de choque se utilizaram de bombas de efeito moral, spray de pimenta e sobremaneira disparos com bala de borracha para conterem manifestantes, sendo que houve inúmeros feridos, alguns

gravemente, dentre eles, jornalistas da própria Folha de São Paulo.


FOLHA DE S.PAULO

Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos

Petrobras está impedida de fazer comércio internacional

EUA afirmam que Síria usou armas químicas contra rebeldes

Distúrbios começaram com ação da Tropa de Choque

Bombas e balas de borracha deixam centro em pânico

Jornalistas são feridos por disparos de policiais militares

Figura 2: Exemplos dos enquadramentos “A violência e o abuso policial em destaque”
Fonte: Folha de São Paulo - 14 de junho de 2013.

4.3 “Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político”

Já a terceira fase de enquadramentos denominou-se: “Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político”. Essa fase compreendeu o período que vai do dia 15 de junho ao dia 02 de julho, onde há uma nova ressignificação dos *frames* do Jornal, e o que se percebe é um maior cuidado da Folha no que diz respeito a classificações do campo social (manifestantes e manifestações) e uma maior promoção de notícias no que tange o campo político, sobremodo em relação às disputas partidárias que se desenhavam para as eleições presidenciais do ano seguinte. Vale aqui a disposição de que, nesse terceiro momento dos enquadramentos, as Manifestações haviam mudado seu rumo e seu modo, foram excessivamente midiáticas, assumido diversas demandas e desvinculando-se unicamente do MPL. O perfil dos participantes também estava modificado.



Figura 3: Exemplos de “Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político”
Fonte: Folha de São Paulo - 20 e 30 de junho de 2013, respectivamente.

5 A crise jornalística em junho de 2013 na folha (mudança súbita de enquadramentos) e o papel das pesquisas datafolha

5.1 A crise jornalística em junho de 2013 na Folha de São Paulo

É a mudança brusca de enquadramentos realizada do dia 13 de junho (Os vândalos da Folha de São Paulo!?) para o dia 14 de junho (A violência policial em destaque) que denotam a crise experienciada pelo Jornal Folha de São Paulo em relação ao seu fazer jornalístico. A partir de então a opinião pública massivamente passou a criticar o Jornal, visto que nenhum argumento consistente serviu para explicar porque do dia 07 de junho (primeiro dia após o início das Manifestações de Junho) até o dia 13 de junho, nos enquadramentos classificados como “Os vândalos da Folha de São Paulo!?”, a grande maioria das reportagens do Jornal procurou deslegitimar

as manifestações e manifestantes e, a partir do dia 14 de junho isso se modificou drasticamente.

O editorial da Folha do dia 13 de junho intitulado "Retomar a Paulista" denota o tom repressor da Folha em relação às manifestações, sendo claro em exigir maior rigor policial para punir o vandalismo e, sobretudo, evitar que as manifestações chegassem até a Avenida Paulista, artéria principal da cidade, de onde, conforme ocorrido nas manifestações anteriores, inúmeros congestionamentos e transtornos à cidade foram gerados. Para a Folha, segundo o editorial, as manifestações eram simples atos de "pseudorevolucionários que não têm nada na cabeça".

O caráter "mais duro" da polícia, exigido pelo Jornal no editorial do dia 13, se efetivou de fato à noite, e aí, os próprios jornalistas da Folha sentiram na pele o abuso do poder coercitivo do Estado. Diversos manifestantes, jornalistas e transeuntes feridos com balas de borracha disparadas pela Polícia Militar. Spray de pimenta, cassetetes e bombas de efeito moral também fizeram parte do arsenal de guerra utilizado pelos policiais contra as manifestações. Cabe dizer que nessa noite, muito possivelmente por fazer uma leitura mais acurada em relação à opinião pública (através das redes sociais), os próprios manifestantes do MPL se portaram de maneira "menos violenta", quase que "jogando ou encenando" uma outra batalha (Dowbor; Szwako, 2013). No dia seguinte, 14 de junho, foi impossível a Folha manter seus enquadramentos como seguiam até então, depreciativos em relação aos manifestantes e manifestações. Agora, a violência policial em destaque, antes de qualquer coisa, foi o estopim para que a opinião pública se voltasse contra a Folha e contra os demais meios midiáticos dispostos na mesma lógica, que do dia para noite alteram a maneira de visualizarem algo (*frames*).

A comprovação da crise presente se reflete em diversas reportagens posteriores nas quais a Folha buscou explicar-se, sendo que o texto que melhor pode definir ou traduzir tal crise em relação à mudança nos enquadramentos da Folha é o produzido pela *Ombudsman* do Jornal há época, Suzana Singer; Intitulado de "Faroeste Urbano", presente no Jornal

do dia 16 de junho, onde a *Ombudsman* procura comentar a ação da Folha de São Paulo frente às Manifestações. Por um lado, oferece críticas as primeiras coberturas da Folha em relação as Manifestações, mostrando que outros meios como o Estadão e o Jornal Nacional também realizaram análises semelhantes. Mais além, porém, Suzana Singer sugere que a Folha deveria ter recebido elogios após a cobertura da quarta manifestação (Jornal de sexta-feira, dia 14 de junho), e que, pelo contrário, foi acusada de corporativismo devido ao fato de ter tido repórteres seus feridos no confronto e por isso ter mudado seu enquadramento em relação às manifestações e manifestantes. Segundo a *Ombudsman* da Folha no período, a edição refletiu uma manifestação diferente das demais, onde os militantes estavam "incrivelmente" bem-comportados e a polícia, muito mais agressiva. Conforme Suzana, caberia à reportagem, a partir de então, manter o prumo e se dedicar a explicar quem são esses jovens, de onde vêm e o que os move, sendo que os leitores devem estar cientes de que esses manifestantes não são "nem os baderneiros marginais" dos primeiros protestos e nem as "vítimas indefesas" do último ato. Para além das concepções, disputas políticas e de poder que tais afirmações apontadas pela *Ombudsman* da Folha trazem, as quais não objetivaremos a discutir aqui, fica claro a crise jornalística experienciada pelo Jornal Folha de São Paulo frente à população, à opinião pública e ao seu público leitor.

É retomando uma das assertivas de Verón (2014) que podemos melhor interpretar o ocorrido em relação à crise jornalística experimentada pelo Jornal Folha de São Paulo em junho de 2013, bem como, compreender melhor as possibilidades erigidas pelo Jornal para fugir dessa situação no mínimo constrangedora, mas, antes de tudo, comprobatória das disputas de poder e interesses que denotam os processos de midiatização; Verón aponta para tal situação como sendo "a interminável disputa entre grupos sociais confrontados, tentando estabilizar sentidos; disputa que se torna, no decorrer da história da nossa espécie, cada vez mais complexa e condenada ao fracasso" (Verón, 2014:17).

Ora, estamos de fato transitando de um momento histórico, onde os meios midiáticos produziam a informação e transmitiam à sociedade, para um novo momento, onde distintos grupos e atores sociais passam a participar ativamente do processo de enunciação, distante da lógica de transmissão de um emissor para um receptor. Portanto, as crises jornalísticas experimentadas atualmente e ressaltadas por alguns autores (De Oliveira e Henn, 2014) são, conforme atestam os resultados empíricos aqui descritos, derivadas sobretudo dos fluxos diferenciados que compõem o processo de midiatização dessa sociedade dita midiatizada, dentre os quais se destacam características como a complementaridade entre emissor e receptor, a horizontalidade na troca de mensagens e a presença do feedback (Verón, 1997); sendo assim, as crises experimentadas também se moldam ao quadro de disputas de grupos sociais distintos, que buscam estabilizar sentidos: nesse caso, há a disputa entre o papel centralizador midiático e o protagonismo dos atores sociais.

Contudo, quando se fala dessa passagem da sociedade dos meios para uma sociedade midiatizada, o que se aponta sobremaneira é a forma como, agora, a mídia organiza o funcionamento dos outros campos sociais e como suas lógicas passam a reger os sujeitos, suas práticas e a sociedade. Nesse sentido é necessário ao próprio jornalismo reconhecer o "seu lugar" para manter a legitimidade social que lhe imputa a prerrogativa de mediar a esfera pública; sendo assim, cabe ao mesmo superar o "antigo modelo" calcado em preceitos como objetividade e imparcialidade (Franciscato, 2005), assumindo de fato uma postura que reconheça sua função mediadora e sua intervenção na construção social da realidade (De Oliveira, 2015). O que ocorreu em relação à Folha e à crise por ela experimentada em junho de 2013, porém, foi uma continuidade de seu modelo de ação e de construção discursiva frente a uma Manifestação diferenciada, midiatizada e, portanto, significada e ressignificada, também a partir do protagonismo dos agentes, antes encarados meramente como receptores.

5.2 O papel das pesquisas Datafolha frente a crise jornalística experimentada

Sendo assim, após experimentar a crise, o Jornal Folha de São Paulo buscou uma nova forma de enquadrar as manifestações, não mais situada em destacar "os vândalos da Folha!?" e nem tampouco "a violência e o abuso policial em destaque"; passou portanto a ter um maior cuidado em relação à classificações do campo social (manifestantes e manifestações) e uma maior promoção de notícias em relação ao campo político. A partir daí, no que definiu-se como "Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político" a Folha encontrou, coincidentemente ou não, através da ferramenta de pesquisa realizada por seu Instituto DataFolha, essa nova forma de reinserir proposições do campo social, agora, "sem medo de errar", visto estar amparada na cientificidade e na opinião pública, ambos, fatores essenciais que tais pesquisas visam transparecer e captar. É nessa direção que as pesquisas utilizadas pelo Instituto DataFolha auxiliam na reinserção de uma "fidelidade discursiva" da Folha, por hora rompida pela crise experimentada.

Durante o mês de junho de 2013, período que abrangeu as Manifestações Sociais de Junho de 2013, o instituto DataFolha realizou seis pesquisas publicadas pelo Jornal Folha de São Paulo. A primeira delas ocorreu nos dias 06 e 07 de junho, sendo publicada no dia 09 de junho, não tendo ligação direta para com as Manifestações, embora já estivesse ligada ao campo político, todas as demais, porém, apresentaram ligação direta para com as Manifestações de Junho de 2013.

A segunda pesquisa DataFolha foi realizada no dia 13 de junho, ainda dentro da classificação de enquadramentos dada como "os vândalos da Folha!?", e essa sim, já objetivava "captar a maneira como as pessoas estavam vendo" as Manifestações, como percebiam o fator violência e como avaliavam o transporte público da cidade. Os resultados colhidos nessa pesquisa realizada no dia 13 de junho foram publicados no Jornal do dia 14, fascículo o qual alterava os enquadramentos iniciais em relação às manifestações (na noite do

dia 13 houve o abuso policial e inúmeras pessoas feridas), passando agora não mais a classificar manifestantes como vândalos e condenando a partir de então a violência policial ("a violência e o abuso policial em destaque").

Os resultados da pesquisa obviamente se assemelhavam aos enquadramentos agora adotados pelo Jornal e eram, portanto, contrários à posição inicial da Folha de São Paulo, pois evidenciaram que a maioria dos paulistanos, afetados diretamente pelas manifestações, eram a favor dos atos, condenando, portanto, o uso da violência por parte dos manifestantes e da polícia.

Já era tarde. O que a Folha teve de ouvir e de assumir foram críticas em relação à sua mudança brusca de enquadramento, tão contrária à própria opinião pública, e só agora evidenciada pelo Jornal. Claro que aqui cabe o apontamento de que certamente a Folha realizou um acompanhamento em relação à opinião pública através das redes sociais, e que muito provavelmente o erro grotesco da polícia em ser "excessivamente agressiva" (Ombudsman da Folha em 16/06/2013) a pedido também da Folha de São Paulo (editorial do dia 13 de junho), foi o que determinou essa "mudança drástica" nos enquadramentos do Jornal e a crise experienciada. Essa necessidade de estar "ligada" e da impossibilidade de negação frente à opinião pública, oriunda sobremaneira da utilização das diversas redes sociais por parte dos antes denominados receptores, se torna mais imprescindível quanto maior o veículo, visto que já tem de estar inserido e lidando com as ressignificações em uma ampla cadeia significante (Recuero e Zago, 2009).

No dia 15 de junho, dentro da perspectiva de análise que classifica os enquadramentos como "Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político", a Folha publicou dados em relação à sua pesquisa realizada no dia 13 de junho, que apontam para uma péssima avaliação do transporte público, sendo a pior desde 1987, onde 55% dos usuários classificavam o transporte público como sendo ruim ou péssimo. Mudanças de enquadramentos efetivadas, coube a Folha se refazer e, para isso, foi categórica ao enviar para as ruas frequentemente seu Instituto, buscando compreender o

"sentido das manifestações", assumindo assim uma postura científica frente ao que estava ocorrendo e "retomando as rédeas" para voltar a conduzir o espetáculo, agendar e reassumir seu papel de ordenamento social, o qual Pierre Bourdieu (1997) já referira em seus estudos.

Foram três pesquisas realizadas em um curtíssimo espaço de tempo, uma no dia 18, outra no dia 20 e outra ainda no dia 21 de junho. Cabe lembrar que antes disso, desde o início das manifestações, a Folha havia realizado somente uma pesquisa ligada diretamente às manifestações, no dia 13 de junho. Isso, sem dúvida ajuda a entender porque a Folha adota a partir do dia 15 de junho outra abordagem, novos enquadramentos, baseados muito mais em classificar o campo político (partidos, governos e suas relações com as manifestações) e entender o campo social, para além de suas concepções de enquadramento. Porém, a partir do momento em que o seu Instituto vai às ruas "verificar a opinião pública" através de métodos científicos de análise, a possibilidade de reinserção do próprio Jornal na construção discursiva sobre os fatos sociais se mostra válida novamente.

Basta compreendermos que as perguntas que serão realizadas pelo Instituto já direcionam um primeiro enquadramento sobre o quê o Jornal pretende focar e posteriormente publicar na relação para como o que está ocorrendo; Em um segundo momento, o próprio resultado das perguntas pode indicar quais devam ser analisadas, evidenciadas e quais não. No que diz respeito as pesquisas do dia 18, 20 e 21 de junho a Folha buscou publicar em suma, em diversas reportagens dos dias 19, 22 e 23 de junho, as relações dos indivíduos para com o campo político e com as manifestações (descrença nos três poderes, votação para presidente, apoio as manifestações). Passada a fase de intensificação das manifestações e da ida do Instituto às ruas, realizou-se ainda uma última pesquisa DataFolha no dia 28 de junho, da qual os resultados foram publicados nos dias 29, 30 de junho e 01 de julho e também versavam exclusivamente sobre o campo político (popularidade da Presidenta, resultados de uma possível eleição presidencial).

O jornalista Jânio Freitas, em sua coluna presente na página A6 do Jornal do dia 02 de julho de 2013, aponta críticas em relação as reportagens e manchetes ligadas às pesquisas realizadas pelo Instituto DataFolha; segundo o jornalista, o fato de que 73% dos entrevistados pela Folha, na quarta pesquisa Datafolha direcionada especificamente às Manifestações (realizada no dia 28 de junho), se mostravam favoráveis a uma reforma constituinte realizada sem deputados e senadores por uma via própria (assembleia) não foram aproveitados pela imprensa. O jornalista ainda desfere críticas aos apontamentos de aprovação ou não dos governantes e, por conseguinte, as reportagens que apresentam dados referentes a essas quedas (maioria das reportagens da Folha ligadas as pesquisas DataFolha), visto que, segundo ele, somente o tempo poderá dar ideia exata do que está ou não sendo influenciado pelo ambiente fermentado das próprias Manifestações.

É, portanto, na valoração do campo científico presente na sociedade atual que o Jornal Folha de São Paulo encontrou algumas das "armas" para fugir a crise experimentada e passou a reassumir seu papel de "objetivo e imparcial". Aqui encontra-se um dilema, pois, se por um lado a Folha de São Paulo vai as ruas ouvir o que a população tem a dizer, por outro, pode erigir as perguntas, direcionar respostas e selecionar o que será mostrado, bem ao encontro do que antes apontamos como antigo modelo, visto estar afastado de uma concepção onde o mesmo reconheça sua função mediadora e de intervenção na construção social da realidade. As indagações que surgem são: A Folha colocou seu Instituto nas ruas porque se sentiu coagida frente a crise por ela experimentada dias antes? Ou, agora de fato se preocupou em trazer à tona a maneira como a população pensa e vê as Manifestações? Em uma sociedade regida pelo mercado, a ferramenta pesquisa direcionada ao jornalismo e o próprio jornalismo podem se objetivarem transformadores ou estarão mais ligados a uma concepção objetiva/imparcial? As críticas do jornalista Jânio Freitas parecem bem pertinentes nesse sentido, pois questionam o papel fundamental e protagonista que o jornalismo tem em uma sociedade midiatizada, mas

que deve ser assumido essencialmente no caminho da transformação social.

6 Considerações finais

Olhar para a história da midiatização sob o ponto de vista semioantropológico proposto por Verón (2014), permite perceber a história ligada aos processos de comunicação como uma "interminável disputa entre grupos sociais confrontados, tentando estabilizar sentidos" (Verón, 2014; p. 17), sendo que no decorrer da história da nossa espécie essa disputa se torna cada vez mais "complexa e condenada ao fracasso" (Verón, 2014; p. 17). De fato, é essa disputa que se apresenta entre os agentes sociais, agora também produtores e não tão somente receptores da notícia e os meios midiáticos, os quais ocupam papel centralizador nessa sociedade daí denominada midiatizada. A crise jornalística experimentada em junho de 2013 pelo Jornal Folha de São Paulo e por outros meios midiáticos do país é derivada sobretudo dos fluxos diferenciados que compõem o processo de midiatização da sociedade atual, portanto, resultado dessas disputas de poder às quais Verón (2014) refere-se.

Ao analisar os enquadramentos adotados pelo Jornal Folha de São Paulo em relação as Midiatizadas Manifestações de Junho de 2013 percebeu-se três fases distintas: "Os vândalos da Folha de São Paulo!?", "A violência e o abuso policial em destaque" e "Ressignificando os enquadramentos: destaques do campo político". Tais fases, denotadas por mudanças bruscas de enquadramento (*frames*) da Folha ajudam a desenhar a crise jornalística experimentada pelo Jornal. Pós crise, coube a Folha reinserir-se em seu papel de protagonista dos fatos, por vezes escondido nas concepções de imparcialidade e objetividade e, é aqui que se encaixaram, coincidentemente ou não, as pesquisas realizadas por seu Instituto DataFolha. A maioria das reportagens vinculadas às pesquisas do Instituto voltaram-se a intersecção entre o campo político e o campo social, especialmente voltadas a aprovação ou não de políticos, a aprovação ou não das

Manifestações e as intenções de voto para as futuras eleições de 2014. Cabe aqui a assertiva do jornalista Jânio Freitas que criticou os enquadramentos e direcionamentos dados pela Folha aos dados coletados pelo Instituto, haja visto o ambiente fermentado vivido e a influência maior que esse ambiente exerce nas avaliações então publicadas no Jornal; portanto, distintos questionamentos postos em relação ao papel que a ferramenta pesquisa teve "no contorno à crise" por parte do Jornal Folha de São Paulo.

A indagação mais significativa que urge de toda análise é pensar como, em meio a centralidade que o campo midiático passou a tomar nessa sociedade midiatizada, os meios jornalísticos podem assumir uma postura que reconheça de fato sua função social transformadora, visto agora estarem sendo pressionados pela voz (redes sociais) que os agentes sociais dispõem.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. 1997. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 129 p.

CARVALHO, A. 2000. Discourse analysis and media texts: a critical reading of analytical tools. *In:* International Conference on Logic and Methodology - International Sociology Association. **5°**, Köln, Germany, 2000. Anais... Köln, RC33. **1**:1-40.

DE OLIVEIRA, F.M.; HENN, R. 2014. Jornalismo, redes sociais e movimentos de ocupação global: crise sistêmica na semiosfera contemporânea. *Brazilian Journalism Research*, **10**(1, 2014): 44-63.

DE OLIVEIRA, F.M. 2015. Do acontecimento à mediação: reflexões sobre a crise do jornalismo. [From event to mediation: reflections on journalism's crisis]. *In*: Congresso da Compós, XXIV, Brasília: UNB, 2015. Anais… **1**:1-22.

DOWBOR, M; SZWAKO, J. 2013. Respeitável público...: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. *Novos estudos - CEBRAP*, **nov. 2013**(97):43-55.

ENTMAN, R.M. 1993. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, **43**(4):51–58.

FRANCISCATO, C.E. 2005. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristovão, Universidade Federal de Sergipe/Fundação Oviedo Teixeira, 274 p.

GOFFMAN, E. 1986. *Frame analysis: an essay on the organization of experience.* Boston, Northeastern University press edition. 576 p.

_____. 2004. *A representação do eu na vida cotidiana.* Petrópolis, Vozes, 12ª ed. 236 p.

GÓMEZ, G.O. 2006. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. *In:* MORAES, D. (org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro, Mauad**,** p. 81-98.

HALL, S. et. al. 1993 A produção social das notícias: O „Mugging "nos Media". *In*: TRAQUINA, N. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa, Vega, p. 224-248.

HALL, S. 2006. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 11ª ed. 102 p.

PERRUSO, M.A. 2014. As Jornadas de(sde) Junho de 2013. *In:* Encontro anual da AMPOCS, 38º, Caxambú, Minas Gerais, 2014. Anais... **1**:1-32.

RECUERO, R; ZAGO, G. 2009. Em busca das" Redes que importam": Redes Sociais e Capital Social no Twitter. *Líbero*. São Paulo. **12**(24):81-94.

ROLNIK, R. 2013. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações**.** *In*: MARICATO, E. et al. *Cidades*

Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo-Carta Maior. p. 9-20.

SODRÉ, M. 2006. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. *In*: MORAES, D. de (org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro, Mauad, p. 19-31.

VERÓN, E. 1997. Esquema para el análisis de la mediatización. *Revista Diálogos de la Comunicación.* Lima, Felafacs. **out.**(48):9-17.

_____. 2014. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZes*. São Paulo, **8**(1):13-19.